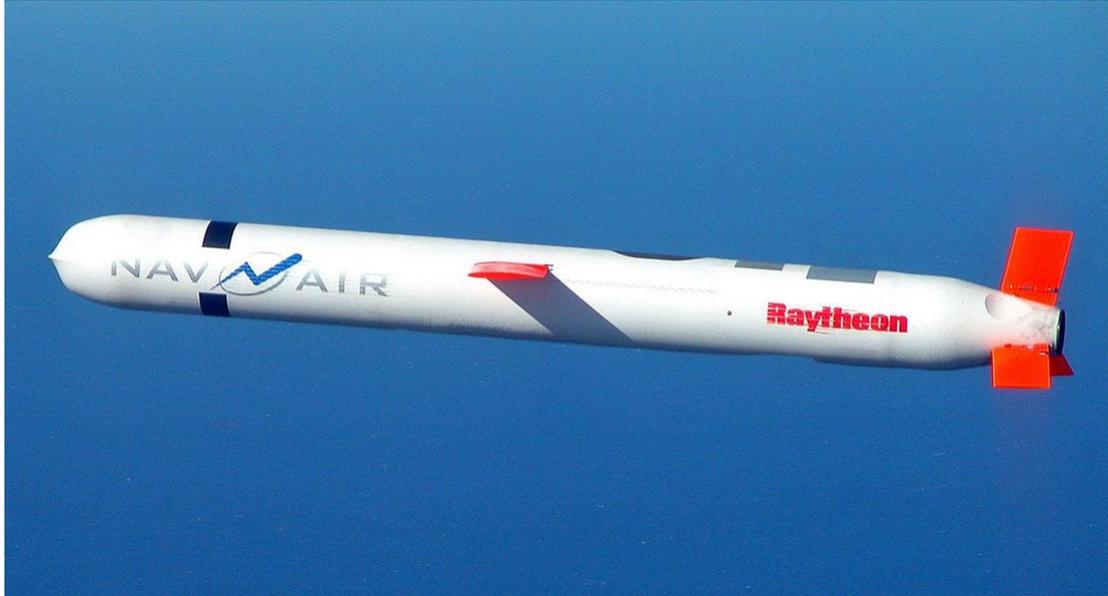


EM NÚMEROS: A CAPACIDADE DE MÍSSEIS DOS EUA ESTÁ SE ESGOTANDO RAPIDAMENTE

Por Mike Fredenburg*



Um míssil Tomahawk Block IV em teste de voo sobre o complexo de testes do Naval Air Systems Command (NAVAIR) no sul da Califórnia, novembro de 2002 (US Navy).

A base industrial dos EUA não está conseguindo acompanhar o ritmo das transferências de armas para a Ucrânia e Israel.

Independentemente dos méritos ou deméritos das políticas do governo Biden sobre as guerras na Ucrânia e Gaza e no Oriente Médio em geral, ficou claro que os Estados Unidos têm usado e doado seus mísseis mais rapidamente do que podem produzi-los.

Também está claro que, da perspectiva dos estoques e da produção de mísseis, os Estados Unidos estão longe de estar preparados para se envolver com confiança em um conflito direto sustentado com um adversário como a China.

Isso é demonstrado pelo fato de que as reservas de mísseis e projéteis de artilharia dos EUA são atualmente inadequadas para fornecer à Ucrânia tudo o que ela precisa para manter seus sistemas de defesa antimísseis abastecidos com interceptadores. De fato, a incapacidade dos Estados Unidos e seus aliados da OTAN de fornecer mísseis de defesa aérea suficientes – também conhecidos como interceptadores – tornou mais fácil para a Rússia atacar e destruir alvos militares importantes, bem como paralisar a infraestrutura energética da Ucrânia.

Esse déficit de mísseis é paralelo à bem documentada falta de produção de projéteis de artilharia dos EUA que permitiu à Rússia aumentar a taxa em que está assumindo o controle de territórios na Ucrânia hoje.

Embora os Estados Unidos não fiquem sem mísseis amanhã, seu estoque de, tanto ofensivo quanto defensivo, está diminuindo. Além disso, embora o governo dos EUA não tenha divulgado quantos mísseis interceptadores foram entregues à Ucrânia para abastecer os bilhões de dólares em sistemas de defesa aérea NASAM, Hawk e Patriot que Washington enviou para lá, sabemos que não foi o suficiente.

Também sabemos que, entre a Lockheed Martin e a Raytheon, serão produzidos cerca de 740 mísseis Patriot PAC-2/PAC-3 por ano em 2025, com a produção teoricamente aumentando para cerca de 1.100 mísseis até 2027. Parece muito, mas desde 22 de fevereiro de 2022, a Ucrânia tem enfrentado ataques de milhares de drones e mísseis.

Além disso, embora a guerra por procuração dos EUA contra a Rússia tenha esgotado os recursos, um surto de hostilidades com a China poderia facilmente aumentar a taxa de queima de mísseis baseados em navios em uma ordem de magnitude sobre o que tem sido visto no Oriente Médio. E falando do suprimento de mísseis baseados em navios, em 1º de fevereiro de 2024, a Marinha dos EUA usou pelo menos 100 de seus mísseis padrão (SM, *standard missile*) no Mar Vermelho.

Um relatório de julho de 2024 revela que o grupo de ataque do porta-aviões *Dwight D. Eisenhower* gastou 155 mísseis padrão multimilionários, 135 mísseis de cruzeiro Tomahawk multimilionários, 60 mísseis ar-ar multimilionários e 420 munições ar-superfície adicionais com um custo cumulativo provavelmente na casa das centenas de milhões de dólares. E essa despesa não inclui os mísseis usados por navios de guerra não vinculados a esse grupo de ataque durante esse período.

Naturalmente, desde julho, a Marinha dos EUA continua a usar mísseis superfaturados e ridiculamente caros para abater drones e mísseis Houthis baratos. Somando-se à taxa de queima de mísseis da Marinha, em pelo menos duas ocasiões, abril e outubro deste ano, os navios de guerra americanos usaram mísseis SM-2 e SM-3 para proteger Israel de mísseis balísticos e drones iranianos. Além disso, desde o início do ano, a Marinha dos EUA tem usado os mísseis SM-6, muito mais caros, junto com os SM-2, em suas operações no Mar Vermelho.

Não se sabe realmente quantos mísseis foram usados até o momento, mas o que foi divulgado publicamente deve ser tomado como uma estimativa muito conservadora. Além disso, não se sabe os níveis exatos de estoque de armas críticas, pois essas informações podem ser de grande utilidade para os adversários dos EUA. No entanto, de acordo com um relatório da Heritage Foundation, até 2023, o Pentágono havia adquirido cerca de 12.000 Standard Missile-2 (SM-2), 400 Standard Missile-3 (SM-3), 1.500 Standard Missile-6 (SM-6) e 9.000 Tomahawk Land Attack Missile (TLAM). Durante o mesmo período, a Marinha dos EUA gastou pelo menos 2.800 mísseis padrão e 2.900 TLAM. E esses números não incluem as despesas mencionadas anteriormente do último ano ou mais.

Lançando mais luz sobre como estão aproximadamente as reservas americanas atuais de mísseis, o *Wall Street Journal* estima que, quando se consideram os exercícios de treinamento e a aposentadoria de armas mais antigas, apenas cerca de 4.000 TLAM permaneceram em 2020 e, desde então, os EUA produziram apenas outros cerca de 250 TLAM. Consequentemente, com um grande número de TLAM, SM-2 e outros mísseis do tipo SM tendo sido gastos em 2023 e 2024, o estoque de mísseis americanos continua sendo esgotado.

Em outras palavras, a totalidade dos navios de guerra da Marinha dos EUA, sem incluir pacotes quádruplos de mísseis de defesa aérea de curto alcance, pode transportar cerca de 10.000 mísseis em seus sistemas de lançamento vertical que podem ser usados para defesa de área ampla ou ataques de longo alcance. Portanto, do jeito que as coisas estão, uma vez gasto o complemento total de mísseis lançados por VLS, faltarão cerca de 3.000 mísseis para que a Marinha dos EUA seja capaz de reabastecer totalmente seus navios.

Outro aspecto de quanta pressão poderia ser potencialmente adicionada aos inventários de mísseis dos EUA é que, embora tenham um número relativamente grande de mísseis SM-2, possuem apenas cerca de 400 mísseis da classe SM-3, o sistema de defesa mais capaz de destruir mísseis balísticos poderosos antes que possam ameaçar centros populacionais ou alvos militares.

E em abril deste ano, dois destróieres de mísseis guiados Arleigh Burke usaram de quatro a sete desses escassos mísseis SM-3 para tentar interceptar mísseis balísticos disparados pelo Irã. Cada SM-3, dependendo do modelo, custa entre US\$ 13 e US\$ 28 milhões. Portanto, esse engajamento custou aos contribuintes dos EUA algo entre US\$ 52 milhões e US\$ 196 milhões.

É claro que a suplementação dos EUA nas defesas de Israel não se limitou a gastar mísseis embarcados. Em 21 de outubro, Israel recebeu um dos sete sistemas de defesa aérea THAAD dos Estados Unidos. Cada um desses sistemas custa mais de um bilhão de dólares, e cada míssil interceptador THAAD custa US\$ 13 milhões. Dado que a carga total do sistema THAAD enviado a Israel é de 48 mísseis, é seguro assumir que Israel recebeu um mínimo de US\$ 600 milhões em interceptadores.

Para referência, em dezembro de 2023, os EUA construíram cerca de 800 desses interceptadores. Isso significa que se Israel acabar recebendo algumas recargas, facilmente terão sido consumidos 25% do estoque de interceptadores THAAD a um custo de reposição de US\$ 2,5 bilhões.

Além disso, acredita-se que, em 2023, o Irã tenha mais de 3.000 mísseis balísticos e muitos milhares de drones. Consequentemente, o Irã pode lançar ataques ainda maiores em um futuro próximo, sendo necessária uma implantação de sistemas adicionais dos EUA para suplementar as defesas aéreas sobrecarregadas de Israel em uma extensão ainda maior.

No entanto, tudo isso seria a uma ninharia se os Estados Unidos se envolvessem em uma guerra com a China. Se tal desastre ocorresse, Washington poderia facilmente acabar com seus estoques de mísseis em questão de meses ou mesmo semanas. De fato, um relatório do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais

descobriu que, para combater a China, os EUA poderiam acabar gastando 5.000 mísseis de longo alcance em apenas três semanas.

Consequentemente, com uma base industrial de defesa já sobrecarregada, parece óbvio que os EUA deveriam fazer tudo o que puderem para evitar a escalada dos conflitos em andamento e, em vez disso, trabalhar para alcançar uma paz genuína e sustentável no Oriente Médio, bem como trabalhar pela paz na Ucrânia.

Publicado no [Responsible Statecraft](#).

****Mike Fredenburg** escreve sobre política de defesa e política há mais de 30 anos, com artigos em diversas publicações, incluindo The California Political Review, The San Diego Union Tribune e National Review.*
